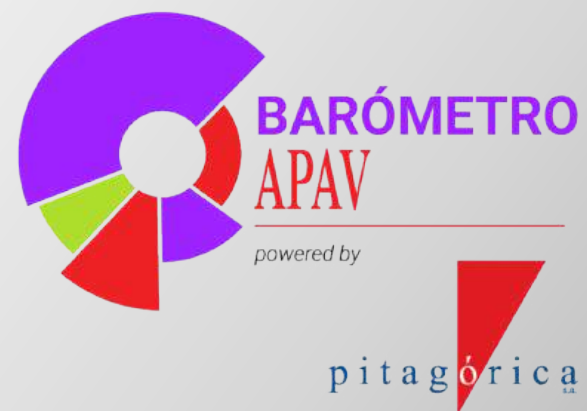




PERCEÇÃO DE CRIMINALIDADE E INSEGURANÇA

FICHA TÉCNICA	3
SUMÁRIO EXECUTIVO	4
SENTIMENTO DE (IN)SEGURANÇA	8
APAV	121
REFLEXÕES SOBRE O ESTUDO	127
CARACTERIZAÇÃO	130

FICHA TÉCNICA



UNIVERSO

Residentes em Portugal, de ambos os sexos e com 15 ou mais anos: 9.011.878 (fonte Censos 2021).



METODOLOGIA

Foi utilizada uma amostragem mista, estratificada por distrito, género e idade.

Estudo quantitativo com recurso entrevistas telefónicas, suportado por um sistema CATI – Computer Assisted Telephone Interviewing, com validação automática e em sistema Auto Dial.



AMOSTRA

A amostra obtida é de 600 inquiridos. Este valor traduz um grau de confiança de 95,5%, com uma margem de erro de $\pm 4,08\%$.

O trabalho de campo foi da responsabilidade da Pitagórica. A amostra foi recolhida nos dias 1 e 8 de julho de 2025.

Pontualmente, são apresentados resultados das vagas anteriores, onde foi utilizada a seguinte metodologia:

Ano	Universo	Amostra	Metodologia
2012	15 e mais anos residentes em Portugal Continental	601 entrevistas	Entrevista Telefónica
2017		600 entrevistas	
2023		600 entrevistas	

Na pergunta Q18 foram comparados os resultados com o estudo Perceção da População sobre Cibersegurança:

2020	18 e mais anos residentes em Portugal Continental	591 entrevistas	Entrevista Online
------	---	-----------------	-------------------



SENTIMENTO DE (IN)SEGURANÇA

Sentimento de Segurança em relação a Portugal

Cerca de dois terços (60%) consideram Portugal um país seguro/muito seguro.

Entre os que referem que Portugal é um país inseguro/muito inseguro, destacam-se as mulheres, os mais velhos (55 e mais anos), das classes sociais C2/D e das regiões Sul e Ilhas.

Portugal é um país muito seguro

15%

Portugal é um país seguro

45%

Portugal é por vezes seguro, por vezes inseguro

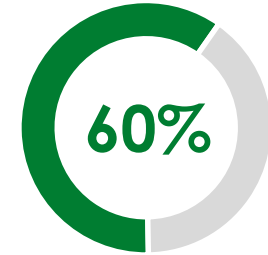
26%

Portugal é um país inseguro

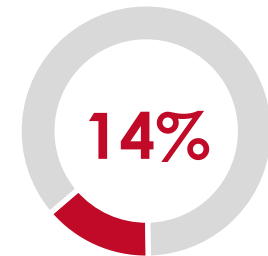
10%

Portugal é um país muito inseguro

4%



Portugal é um país seguro/muito seguro

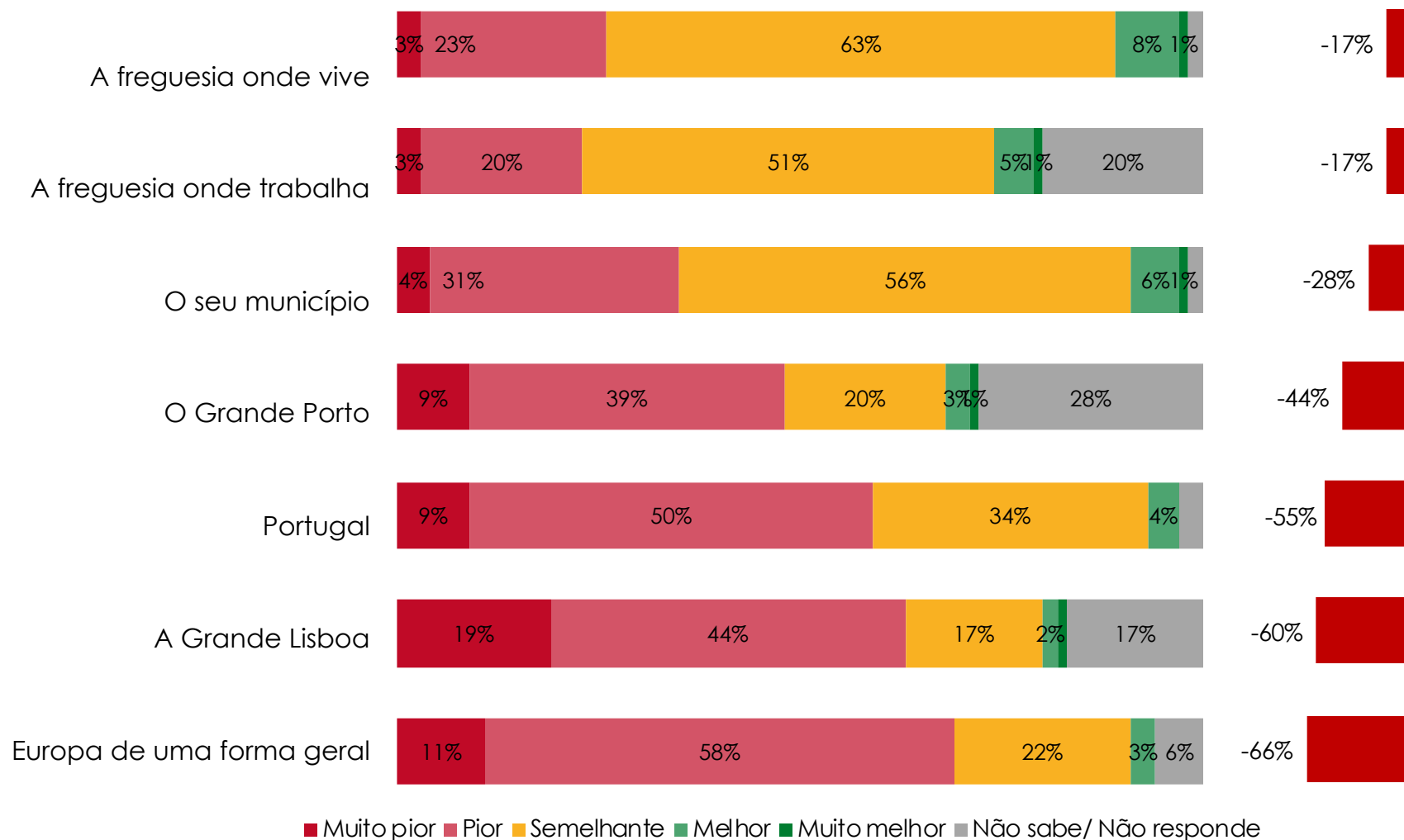


Portugal é um país inseguro/muito inseguro

Comparação entre Segurança atual e antes do COVID

Comparativamente com o período antes do COVID, todas as áreas avaliadas registam um saldo negativo na perceção de segurança.

Ainda assim, é na **proximidade**, seja na freguesia onde se vive ou trabalha, ou no próprio município, que a maioria dos inquiridos refere que o **sentimento de segurança se manteve inalterado**.



Q2 – Como avalia a segurança das seguintes regiões quando comparada com o período antes do COVID 19?

***NOTA TÉCNICA:** Para a construção do saldo, calculou-se a diferença entre a % de avaliações positivas (Muito Melhor + Melhor) pelas negativas (Muito Pior + Pior) e ignoraram-se as respostas neutras (Semelhante).

Maiores ameaças à Segurança em Portugal

Criminalidade violenta, cibercrime e o tráfico de drogas como as principais ameaças à segurança em Portugal.



Sentimento de Segurança no quotidiano

Dois em cada três inquiridos sentem-se **seguros/muito seguros** no seu quotidiano.

Sentimento de insegurança mais percebido pelas classes sociais mais baixas (C2/D).

Sente-se muito seguro

13%

Sente-se seguro

50%

Sente-se por vezes seguro,
por vezes inseguro

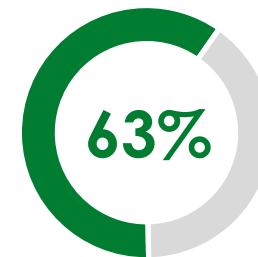
25%

Sente-se inseguro

9%

Sente-se muito inseguro

3%

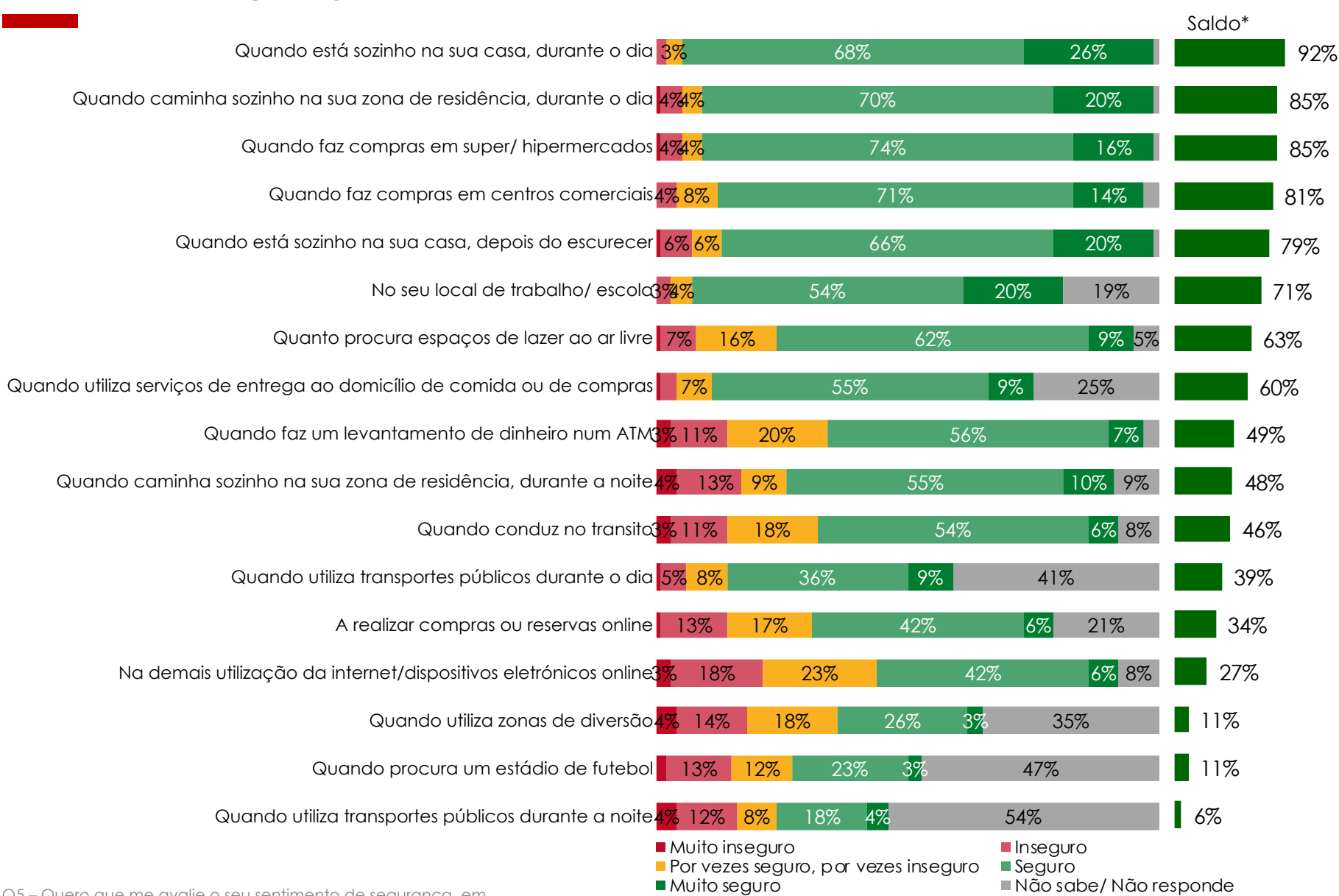


Sente-se seguro/muito seguro



Sente-se inseguro/muito inseguro

Sentimento de Segurança...



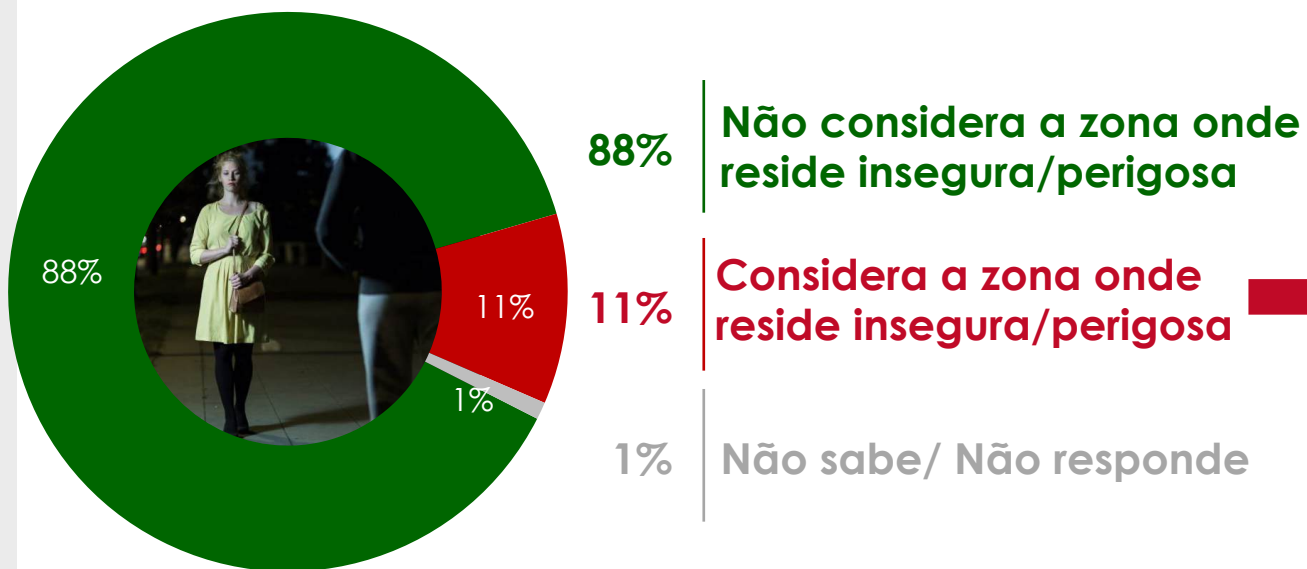
Q5 – Quero que me avalie o seu sentimento de segurança, em cada uma das situações que lhe vou ler.

***NOTA TÉCNICA:** Para a construção do saldo, calculou-se a diferença entre a % de avaliações positivas (Muito Seguro + Seguro) pelas negativas (Muito Inseguro + Inseguro) e ignoraram-se as respostas neutras (Por vezes seguro, por vezes inseguro).

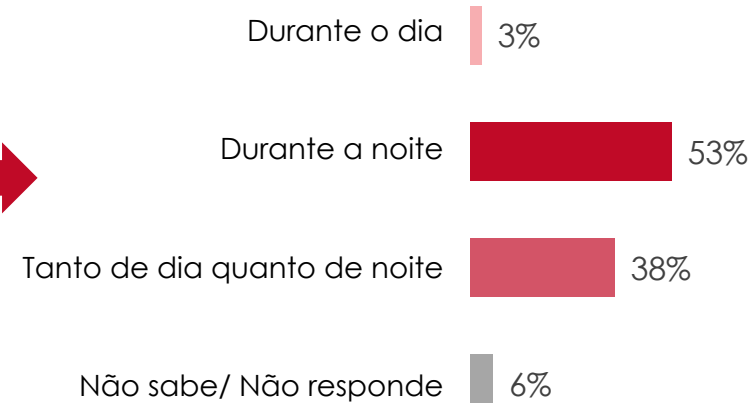
Observa-se um saldo positivo na perceção de segurança.

A utilização de zonas de diversão, estádios de futebol e transportes públicos durante a noite apresentam os saldos mais baixos na sensação de segurança.

Considera a zona onde reside insegura/perigosa?



Qual o período que é mais perigoso?



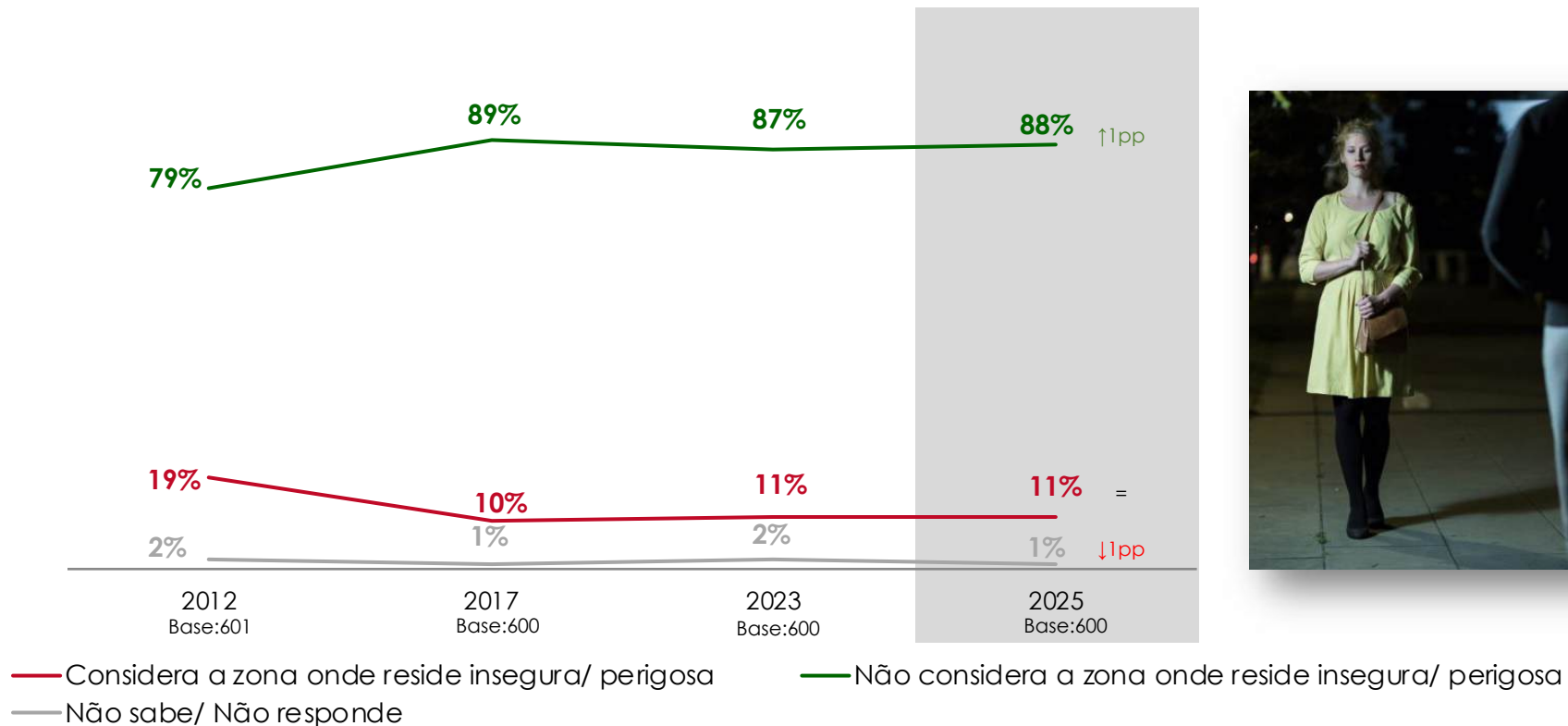
Base: 66

Cerca de um em cada dez **considera a zona onde reside insegura ou perigosa**, sobretudo os mais velhos (55 e mais anos), das classes sociais mais baixas (C2/D) e de Lisboa.

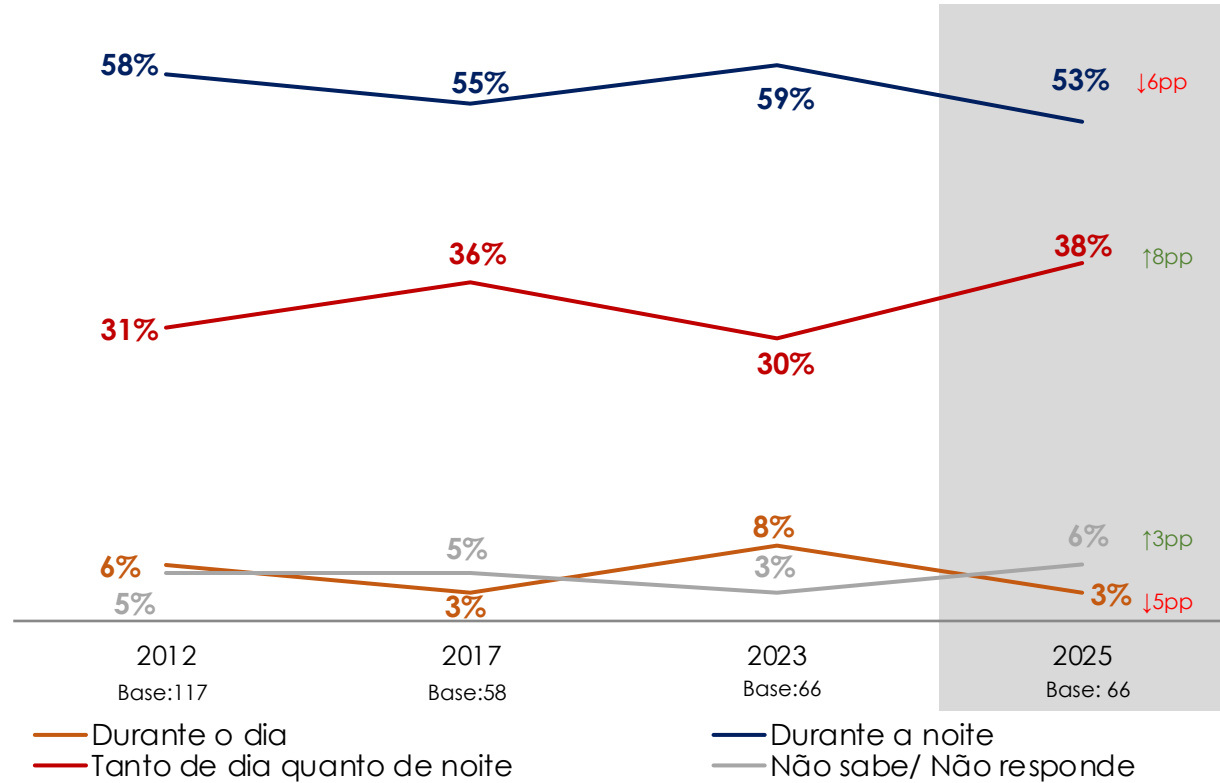
Entre estes, a maioria (53%) refere maior perigo no período da noite.

Considera a zona onde reside insegura/perigosa?

Verifica-se que as referências a zonas de residência inseguras ou perigosas mantêm-se estáveis desde 2017.



(se considera a zona onde reside como sendo uma zona insegura/perigosa)
É mais perigosa de dia, de noite ou em ambos os períodos?



Em comparação com a vaga anterior, aumenta a perceção de maior perigo/ insegurança, tanto durante o dia como durante a noite.

↑↓ Variação face a 2023

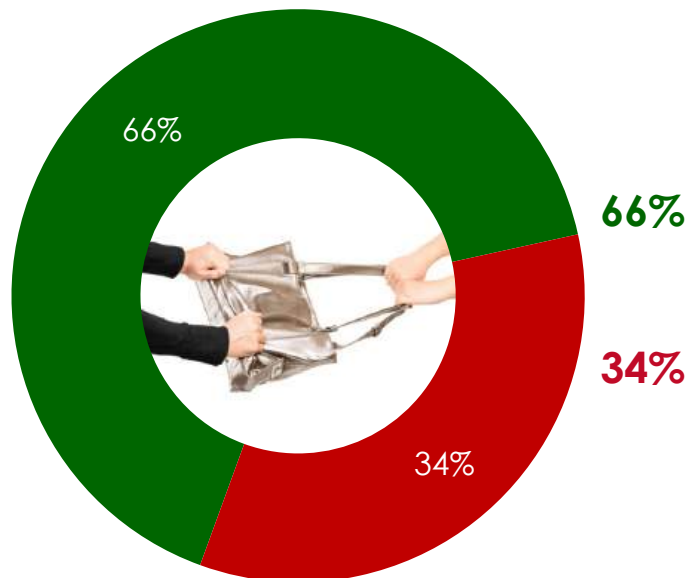
Universo: Indivíduos, com 15 e mais anos, residentes em Portugal.
 Amostra: considera a zona onde reside insegura/ perigosa

Q7 – Disse-me que considera a zona onde reside como sendo uma zona insegura/perigosa, a avaliação que faz acontece mais de dia, de noite ou em ambos os períodos?

Tem receio de ser assaltado ou agredido?

Cerca de um **terço tem receio de ser assaltado ou agredido**, com destaque para as mulheres, com 35 ou mais anos, das classes sociais C2/D e das regiões Sul e Ilhas.

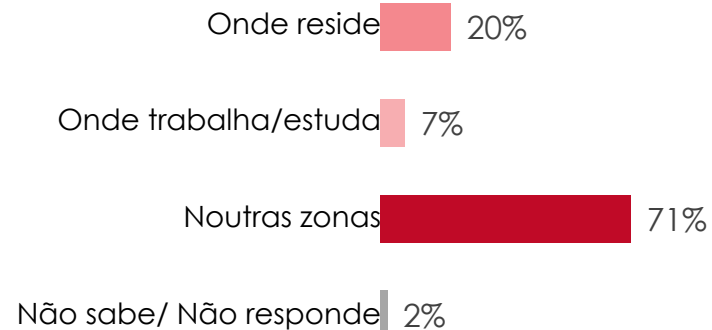
Entre estes, a maioria refere que é **fora da zona onde reside/trabalha/estuda** e no **período da noite** que o receio é maior.



Não tem receio de ser assaltado ou agredido

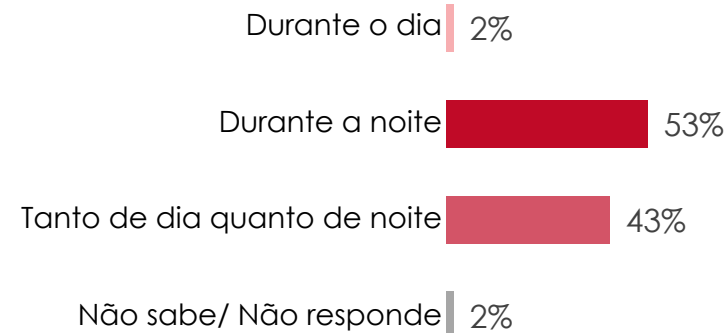
Tem receio de ser assaltado ou agredido

Em qual local o receio de ser assaltado é maior?



Base: 205

Em qual período o receio de ser assaltado é maior?

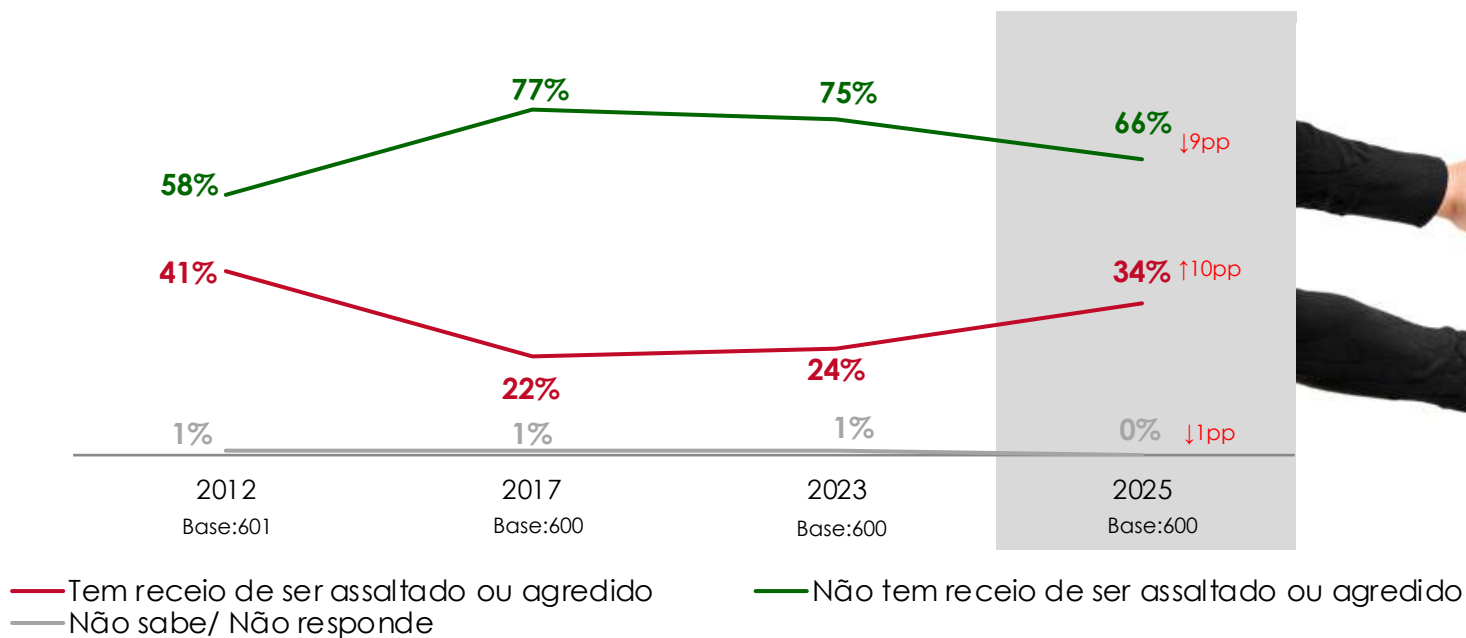


Base: 205

Q8 – Tem receio de ser assaltado ou agredido?
Q9 – O receio de ser assaltado ou agredido é maior...
Q10 – O receio de ser assaltado ou agredido é maior...

Tem receio de ser assaltado ou agredido?

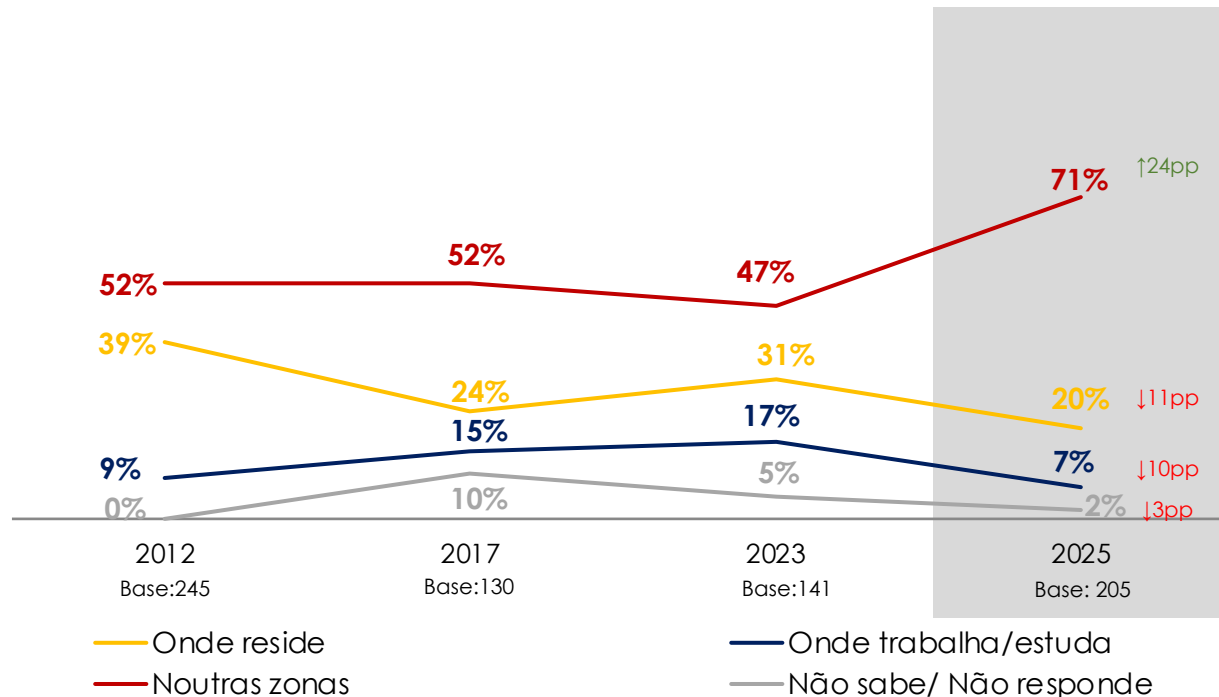
O receio de ser assaltado é superior ao registado nas vagas de 2023 e 2017, mas inferior à vaga de 2012.



↑↓ Variação face a 2023

(se tem receio de ser assaltado ou agredido)
Em que local o receio de ser assaltado é maior?

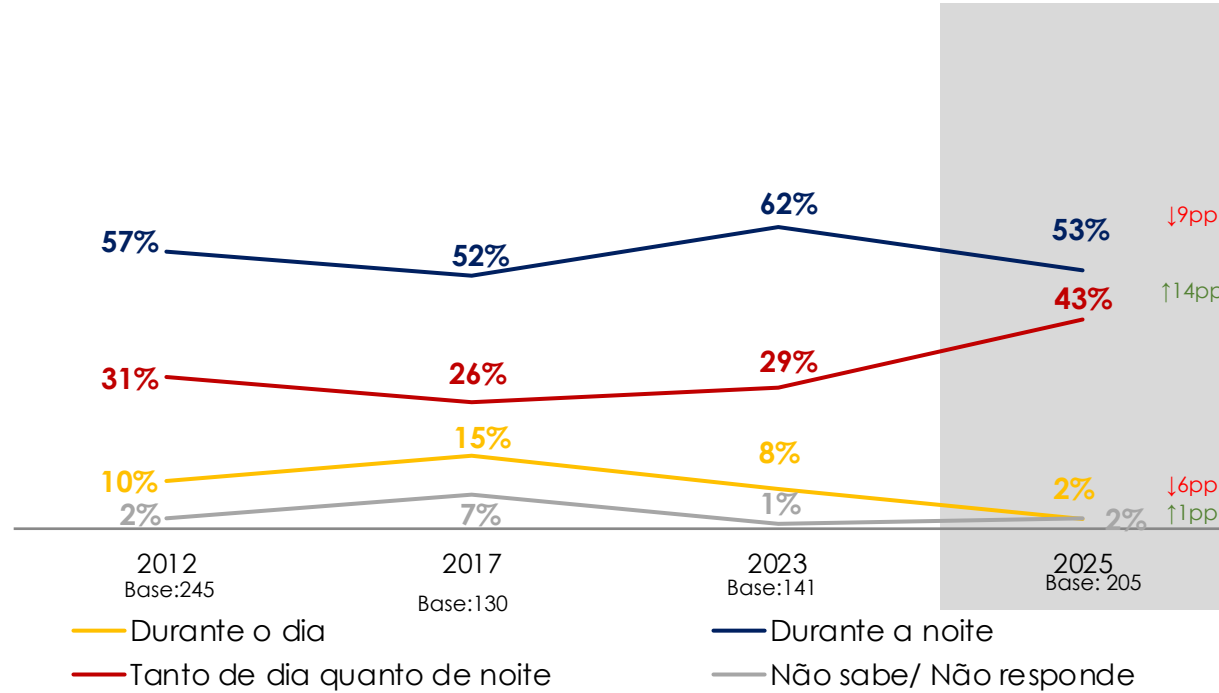
Face à vaga anterior, o receio de ser assaltado noutras zonas (fora da zona onde reside/trabalha/estuda) apresenta uma subida de 24pp.



↑↓ Variação face a 2023

(se tem receio de ser assaltado ou agredido)
Em que período o receio de ser assaltado é maior?

Sobe também o receio de ser assaltado 'tanto de dia quanto de noite'.



↑↓ Variação face a 2023

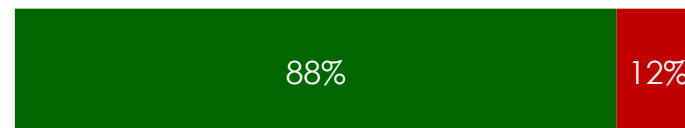
Receia ...



A grande maioria
(88%) **sente-se
segura** no interior
da sua residência.

Por outro lado,
54% **refere ter
receio** que o seu
veículo seja alvo
de furto ou dano.

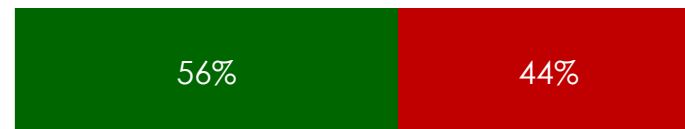
...ser alvo de insultos, ameaças ou agressões na
sua própria residência



...ser alvo de insultos, ameaças ou agressões
noutros contextos



...que a sua residência seja assaltada



...que o seu veículo seja alvo de furto ou dano



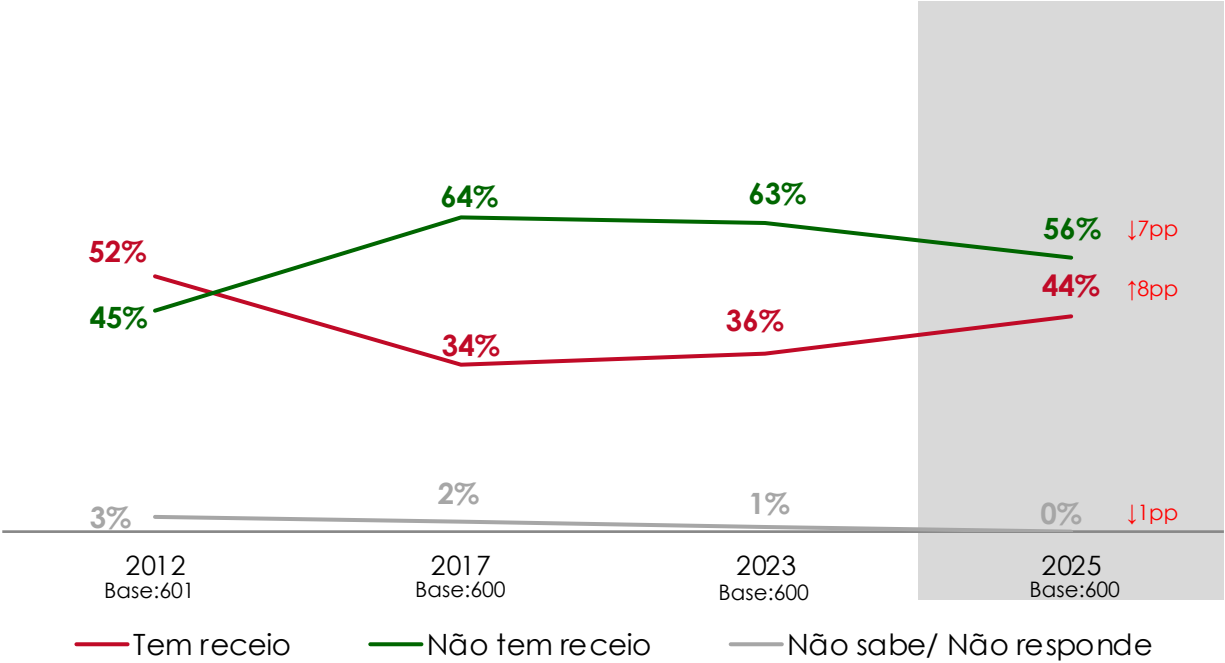
■ Não tem receio

■ Tem receio

■ Não sabe/ Não responde

Receia que a sua residência seja assaltada?

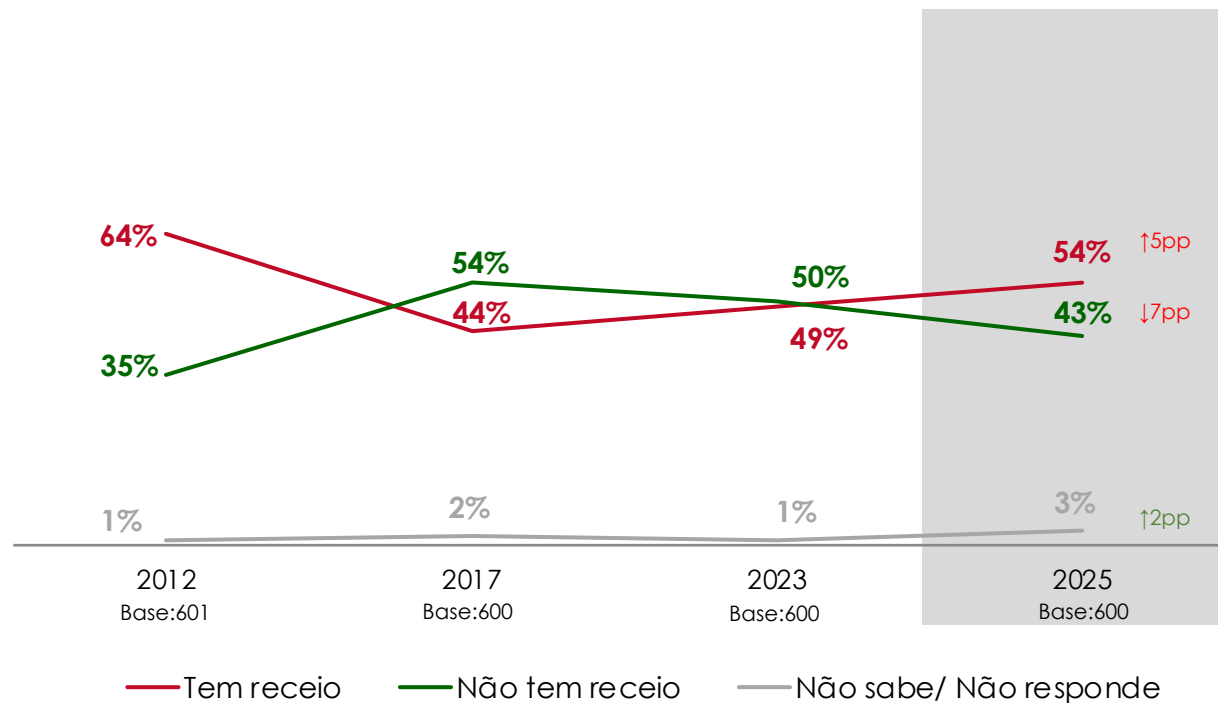
O receio de assaltos à residência tem vindo a revelar uma tendência crescente.



↑↓ Variação face a 2023

Receia que o seu veículo seja alvo de furto ou dano?

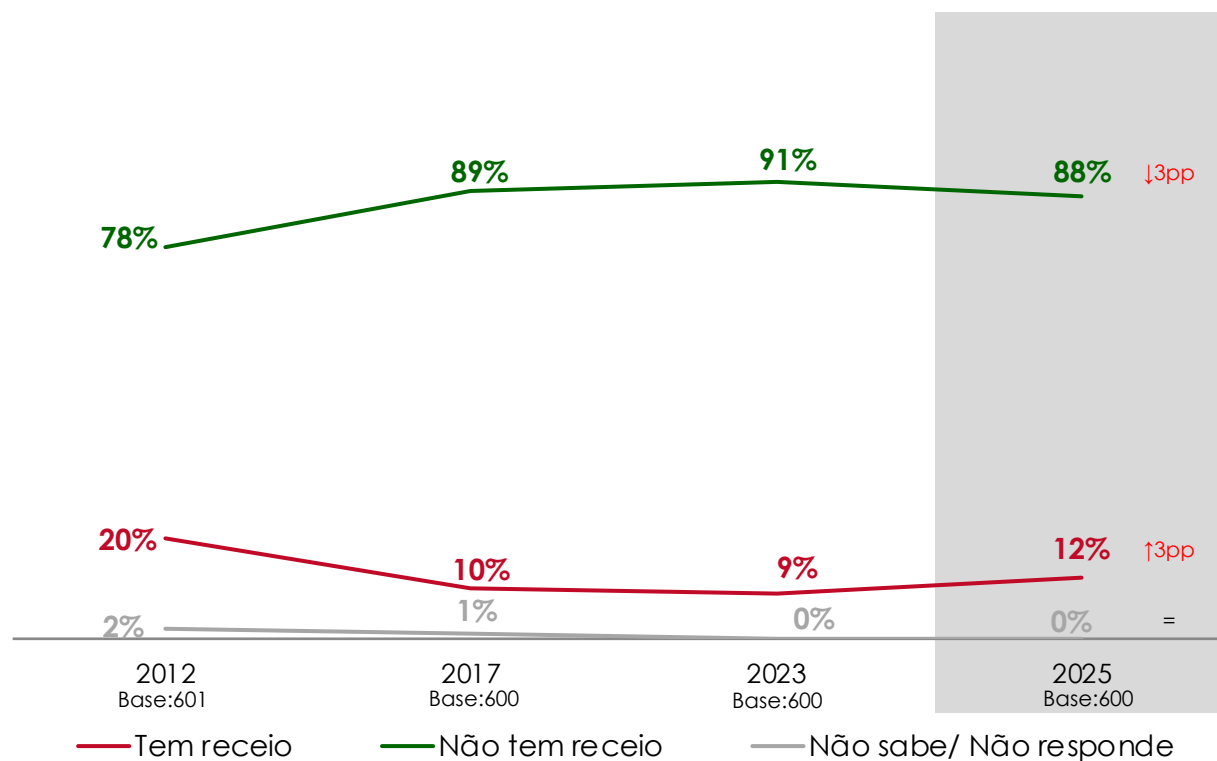
A maioria receia que o seu veículo seja alvo de furto ou dano. Um valor superior às duas vagas anteriores mas ainda abaixo do registado na vaga de 2012.



↑↓ Variação face a 2023

Receia ser alvo de insultos, ameaças ou agressões na sua própria residência?

Aproximadamente
um em cada dez
tem receio de ser
alvo de insultos,
ameaças ou
agressões na
própria residência.
Valor inferior à
vaga de 2012 (dois
em cada dez)



Em que contextos receia ser alvo de insultos, ameaças ou agressões?

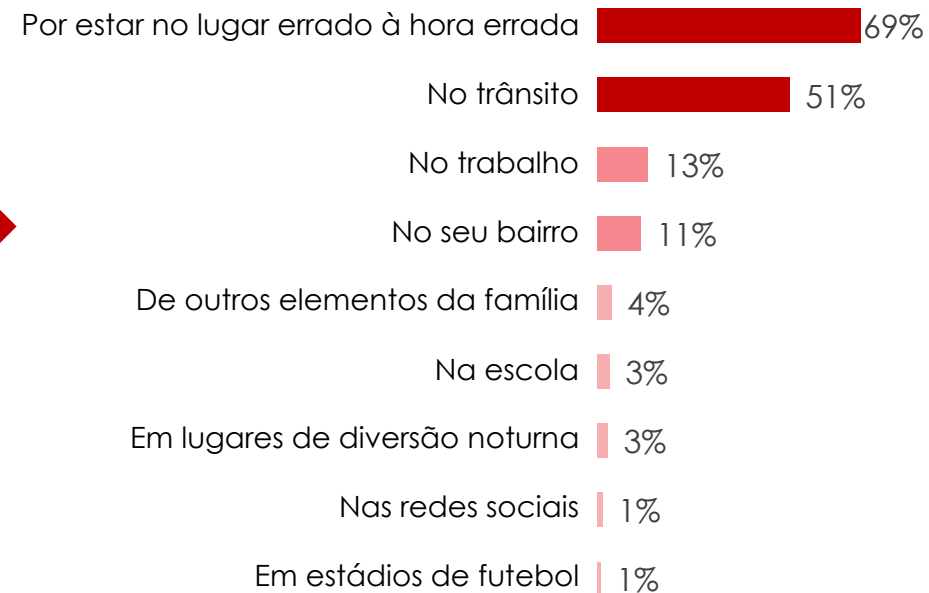
Cerca de um terço tem receio de ser alvo de insultos noutros contextos

(destaque para idades entre 35 e 44 e na região de Lisboa),

sobretudo por estar no lugar errado à hora errada e/ou no trânsito.



Em que contextos receia ser alvo de insultos, ameaças ou agressões

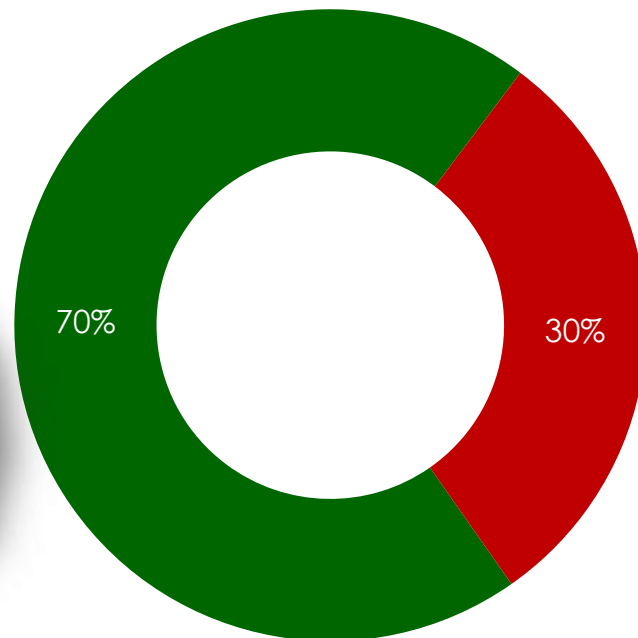


Base: 209

Já foi alvo de insultos, ameaças ou agressões?

**7 em cada 10
nunca foi alvo de
insultos, ameaças
ou agressões.**

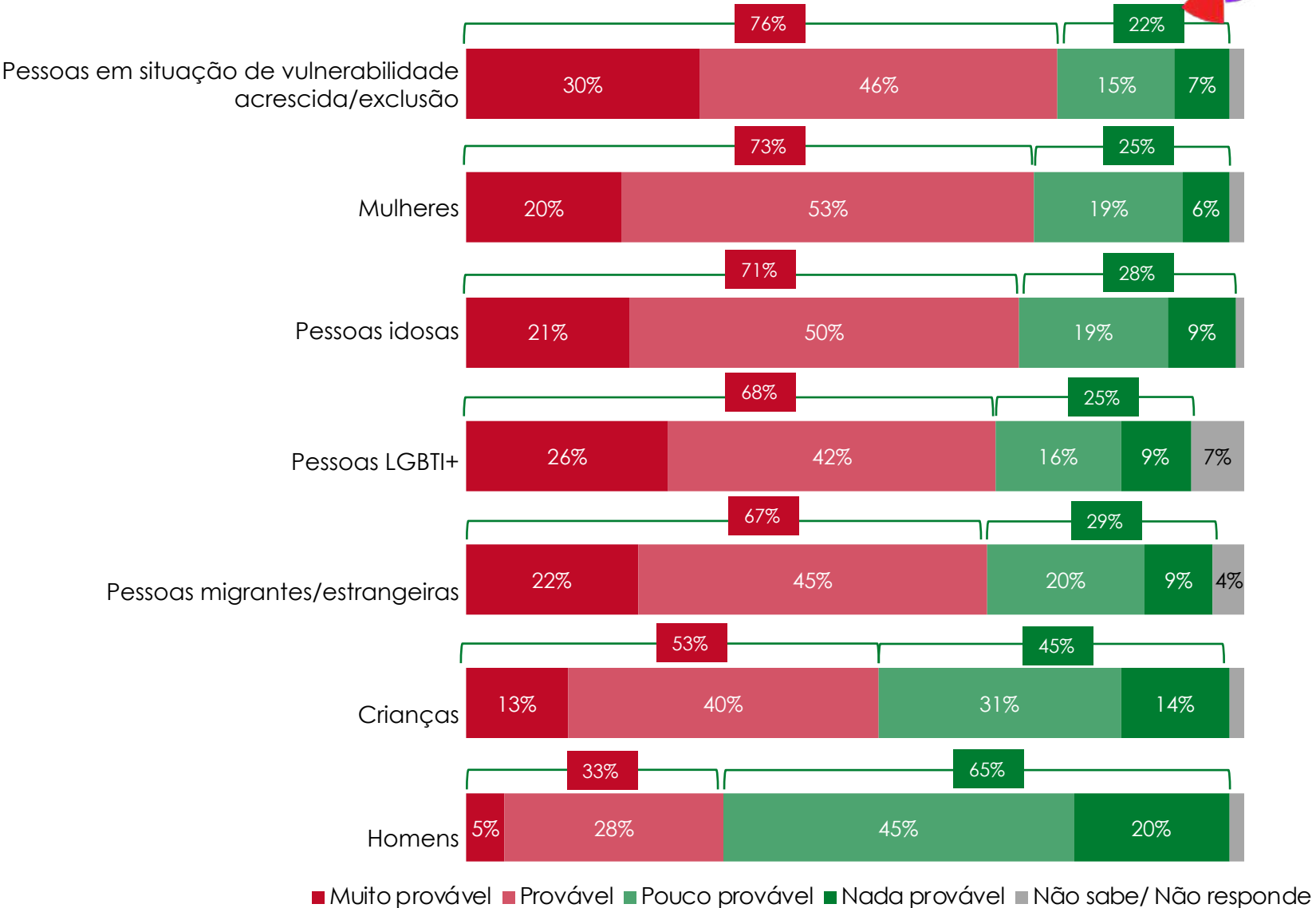
Entre aqueles que
já passaram por
alguma destas
situações,
destacam-se os
indivíduos com
idades entre os 35
e os 54 anos,
pertencentes à
classe social C1 e
residentes na
região Centro



70% | **Nunca foi alvo de insultos,
ameaças ou agressões**

30% | **Já foi alvo de insultos,
ameaças ou agressões**

Grupos com maior probabilidade de ser alvo de violência

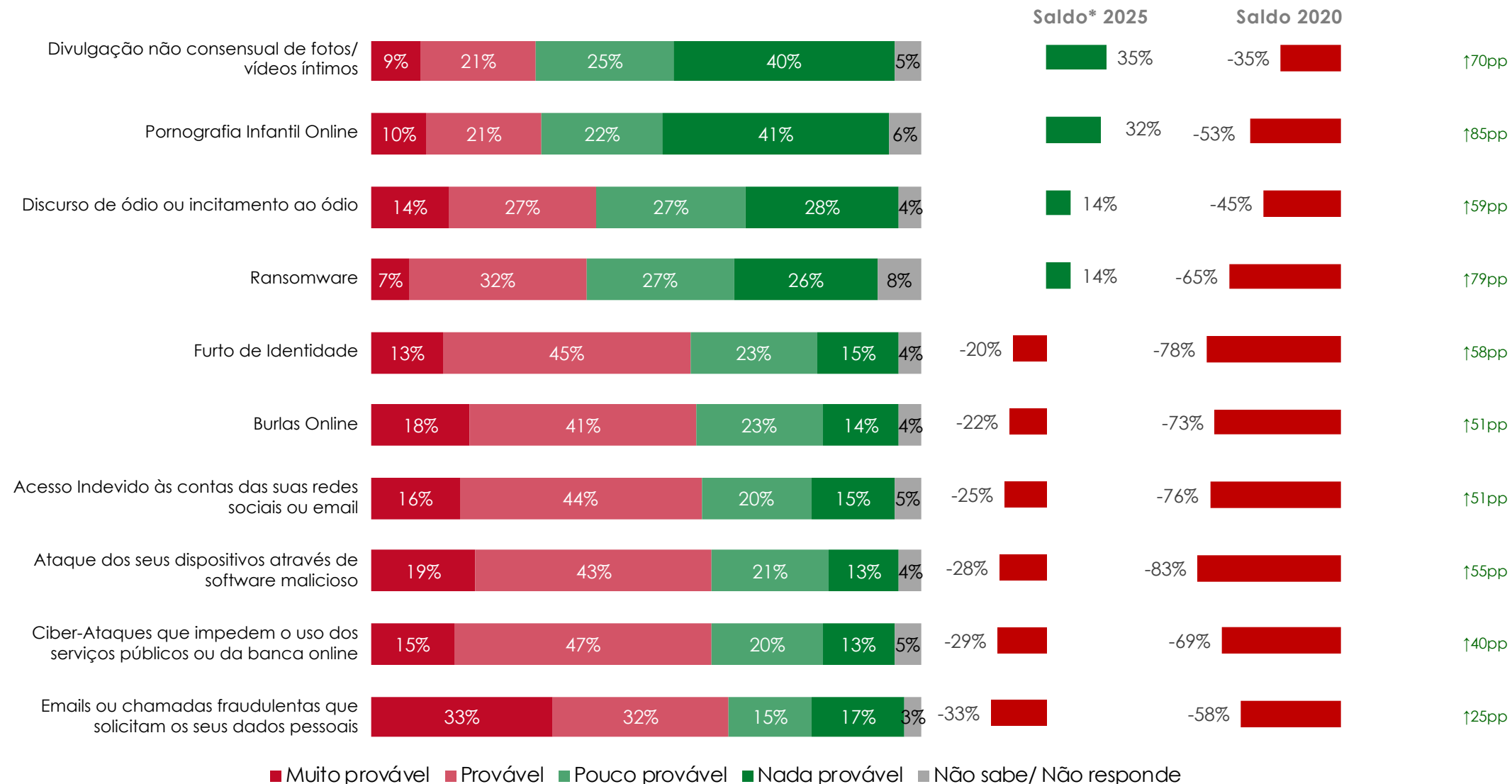


Com exceção dos homens, a maioria considera que pertencer aos restantes grupos aumenta a probabilidade de ser vítima de violência.

Q17 – Dos seguintes grupos de pessoas que lhe vou ler, diga-me se essas pessoas têm mais ou menos probabilidade de serem alvo de violência por pertencerem a esse grupo:

Preocupação em ser alvo de cibercrime

Face a 2020,
verifica-se uma
diminuição da
preocupação em
ser vítima de
algum tipo de
cibercrime.



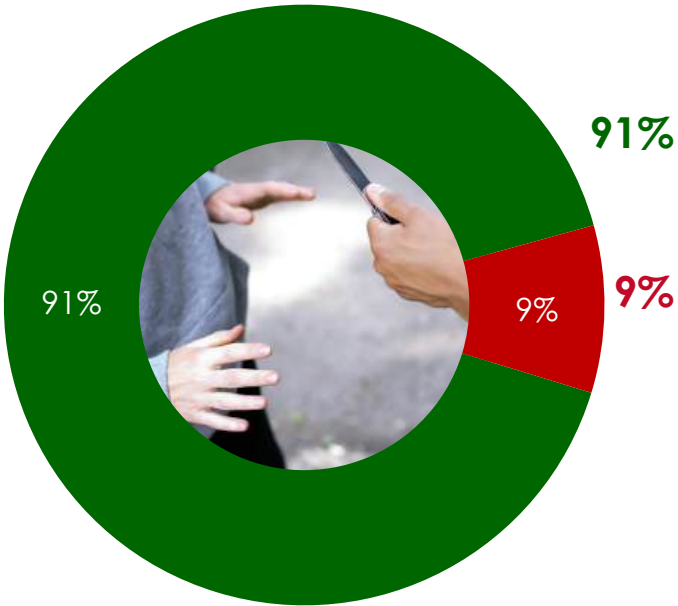
Q18 – O cibercrime pode incluir diferentes tipos de atividades criminosas. Até que ponto está preocupado em ser vítima ou viver algum tipo dos seguintes tipos de situação?

***NOTA TÉCNICA:** Para a construção deste saldo, calculou-se a diferença entre a % de avaliações positivas (Nada Provável + Pouco Provável) pelas negativas (Muito Provável + Provável).

Foi vítima de algum crime nos últimos 12 meses?

Cerca de um em cada dez **foi vítima de crime nos últimos 12 meses**, sobretudo as mulheres, com até 54 anos e das classes sociais A/B.

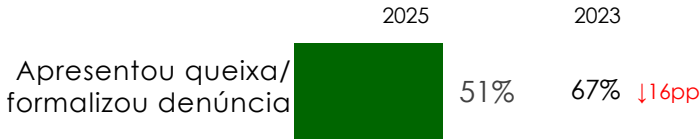
Entre estes, cerca de metade não apresentou queixa, sobretudo por não acreditar na justiça.



Não foi vítima de crime nos últimos 12 meses

Foi vítima de crime nos últimos 12 meses

Apresentou queixa/formalizou denúncia?



Base: 55

Por que motivo não apresentou queixa/formalizou denúncia?



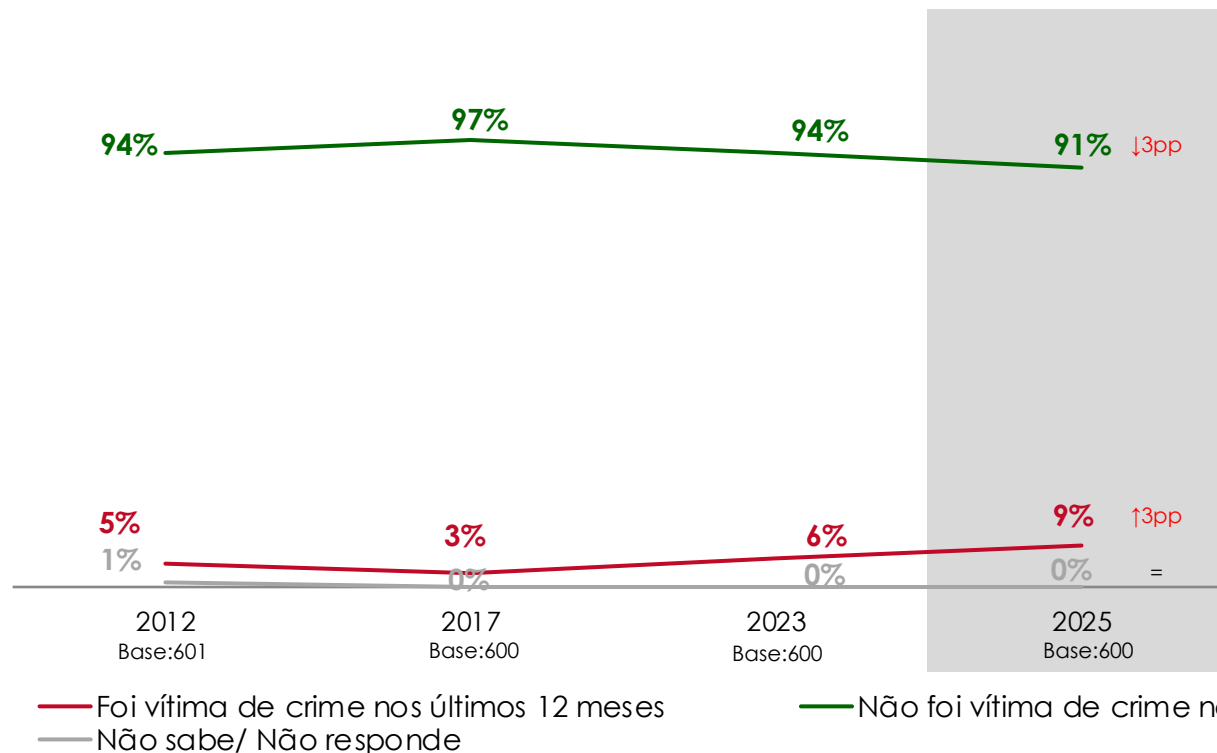
Base: 27*

Base: 12*

*Base sem relevância estatística

↑↓ Variação face a 2023

Foi vítima de algum crime nos últimos 12 meses?



Nesta vaga regista-se o valor mais alto de vítimas de crime, 3pp superior à vaga de 2023.

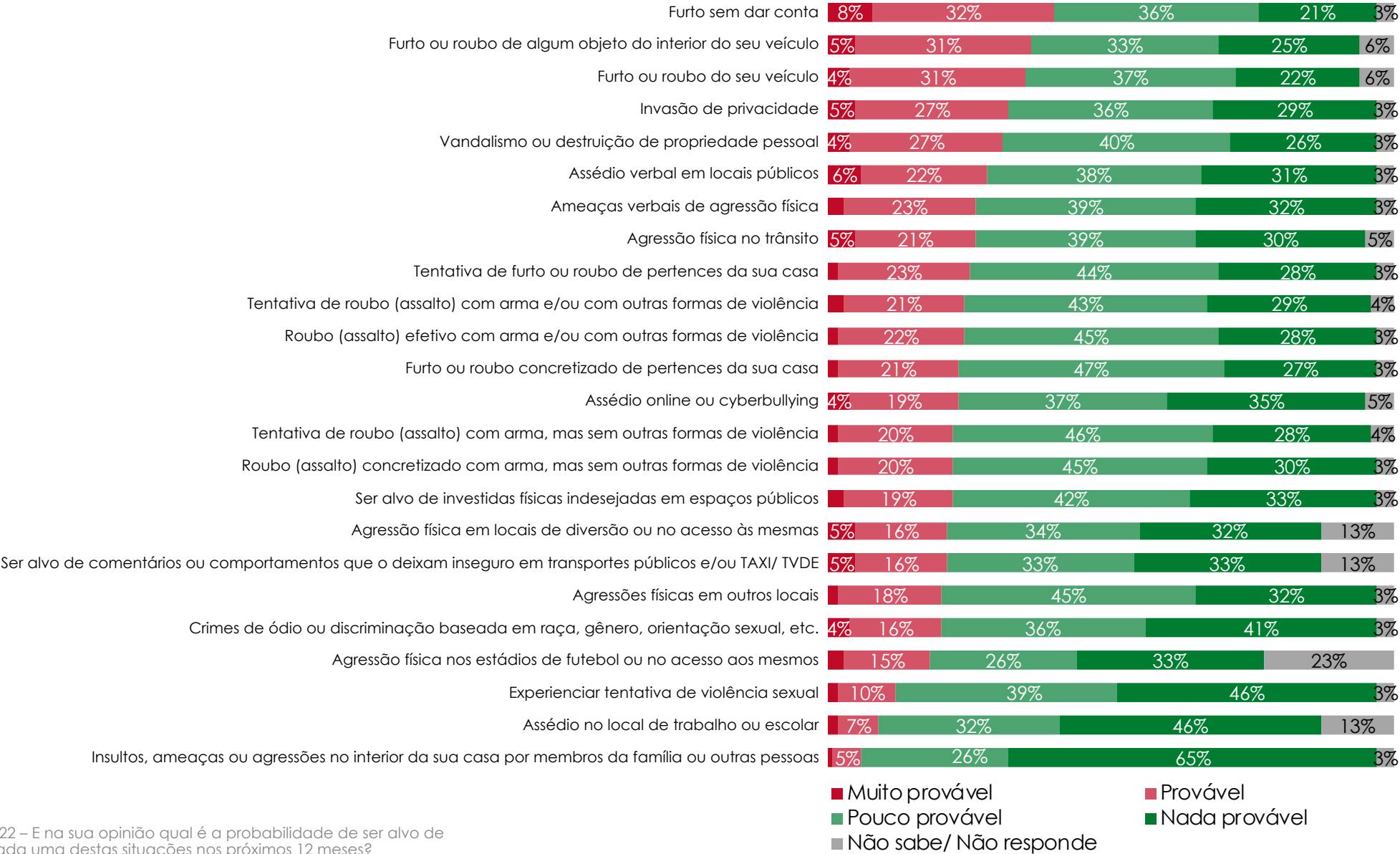
↑↓ Variação face a 2023

Universo: Indivíduos, com 15 e mais anos, residentes em Portugal.
Amostra: 600 inquiridos

Q19 – Nos últimos 12 meses, foi assaltado, agredido ou vítima de um qualquer outro crime?

Probabilidade de ser alvo de situações nos próximos 12 meses

Aproximadamente
quatro em cada
dez inquiridos
admitem a
possibilidade de,
num futuro
próximo, serem
vítimas de furto ou
de que o seu
veículo seja
roubado.



Probabilidade de apresentar queixa caso seja vítima de um crime

A esmagadora maioria (93%) considera que caso fosse vítima de um crime **provavelmente** apresentaria queixa.

Apenas 5% considera **improvável**, com destaque para as classes sociais C2/D e as regiões Sul e Ilhas.

É muito provável

apresentar queixa caso seja vítima de um crime

75%

É provável

18%

É pouco provável

4%

Não é nada provável

apresentar queixa caso seja vítima de um crime

1%

Não sabe/ Não responde

2%

93%

É provável/muito provável

apresentar queixa caso seja vítima de um crime

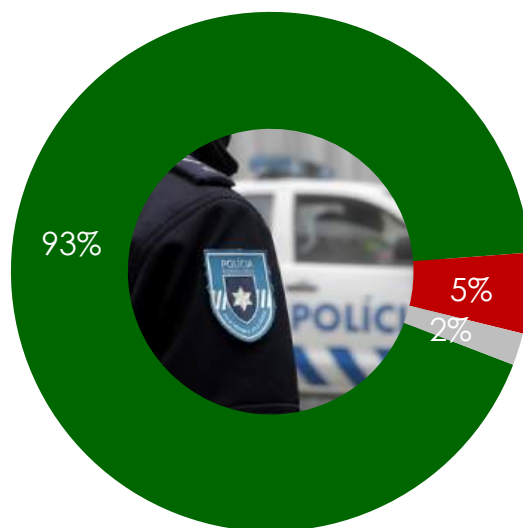
5%

É pouco/nada provável

apresentar queixa caso seja vítima de um crime

Probabilidade de apresentar queixa caso seja vítima de um crime

A **falta de confiança na justiça** é o motivo mais frequentemente apontado por aqueles que consideram improvável apresentar queixa caso sejam vítimas de um crime



93% **É provável/muito provável apresentar queixa caso seja vítima de crime**

5% **É pouco/nada provável apresentar queixa caso seja vítima de crime**

2% **Não sabe/ Não responde**

Porque motivo considera provável não apresentar queixa/formalizar denúncia

Não acredita que se faça justiça  n = 17

Complicação com o processo da queixa  n = 5

Não acha que seja importante  n = 4

O dinheiro que tem de gastar na justiça não justifica  n = 4

Tem receio de represálias  n = 3

Não conseguir identificar a pessoa  n = 2

Pela morosidade e custos do processo judicial  n = 1

Depende do crime  n = 1

Já tentou apresentar queixa e não foi atendido como devia ser  n = 1

Não sabe/ Não responde  n = 4

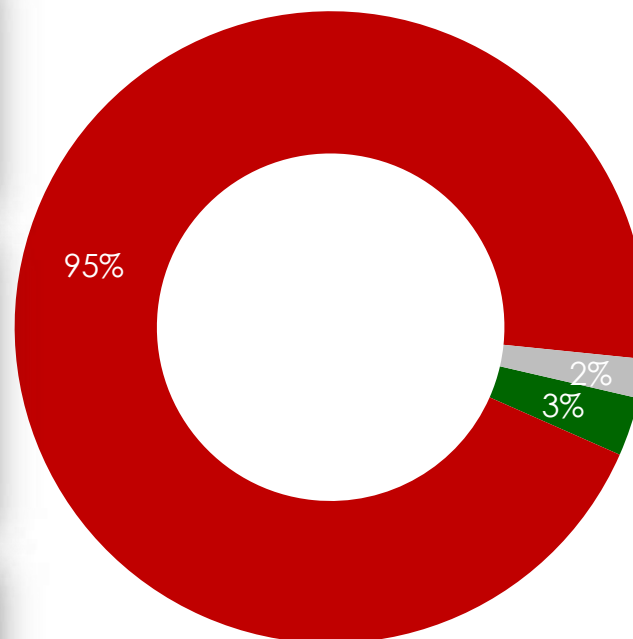
Base: 32

Q23 – E qual é a probabilidade de no caso de ser assaltado, agredido ou vítima de qualquer outro crime, apresentar queixa ou formalizar denúncia às autoridades competentes?

Q24 – E porque motivo considera provável não apresentar queixa/formalizar denúncia?

Considera que alguns grupos são mais vulneráveis a ser alvo de violência

A esmagadora maioria considera que alguns grupos são mais vulneráveis a ser alvo de violência.



- 95%** **Sim, alguns grupos são mais vulneráveis a ser alvo de violência**
- 3%** **Não existem grupos mais vulneráveis a ser alvo de violência**
- 2%** **Não sabe/ Não responde**
- 3%** **Não sabe/ Não responde**

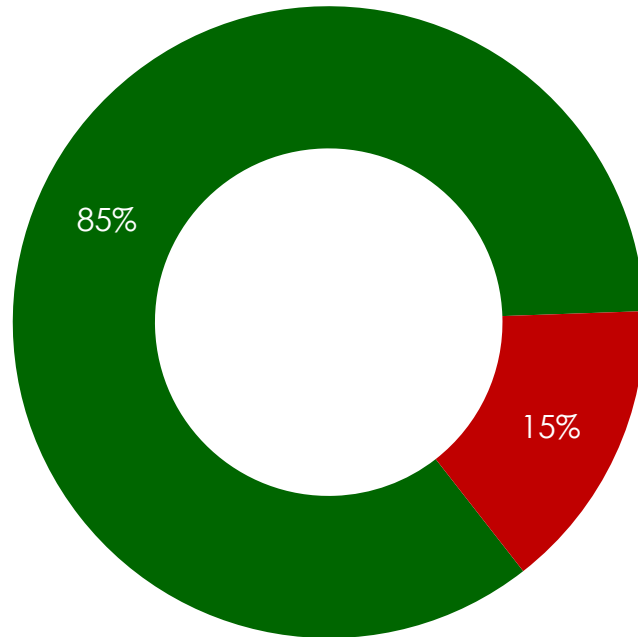


APAV

Notoriedade da APAV

A grande maioria
(85%) **já ouviu**
falar da APAV,

com destaque
para as mulheres,
com 35 ou mais
anos, das classes
sociais A/B e C1 e
de Lisboa.



85%

Já ouviu falar da APAV

15%

Não ouviu falar da APAV



Opinião sobre o mérito das propostas e trabalho da APAV

O mérito das propostas e trabalho da APAV é
Muito bom

10%

Bom

26%

Razoável

13%

Mau

1%

O mérito das propostas e trabalho da APAV é
Muito mau

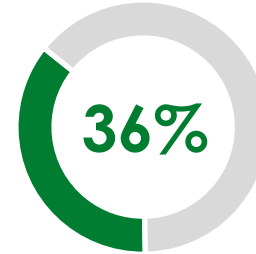
1%

Não sabe/ Não responde

10%

Não está familiarizado com a APAV

39%



O mérito das propostas e trabalho da
APAV é **Bom/muito bom**



O mérito das propostas e trabalho da
APAV é **Mau/muito mau**

Cerca de um
terço reconhece
o mérito das
propostas e
trabalho da APAV,
sobretudo as
mulheres, com 35
ou mais anos, das
classes sociais A/B
e C1 e das
regiões Sul e Ilhas.

**Metade (49%)
desconhece as
propostas e o
trabalho desta
organização.**



REFLEXÕES SOBRE O ESTUDO

por Pitagórica

SEGUROS, MAS INQUIETOS: A ANATOMIA DE UM PAÍS QUE OLHA POR CIMA DO OMBRO

- Se perguntarmos a um português se se sente seguro, há boas probabilidades de obter uma resposta afirmativa. Afinal, 63% dos inquiridos dizem-se seguros no seu dia a dia, e 60% consideram Portugal um país seguro ou muito seguro. Mas a estatística tem o dom de esconder as fissuras que atravessam o verniz do quotidiano — e os dados do mais recente Barómetro da APAV revelam que a sensação de segurança tem andado a perder terreno, ainda que de forma silenciosa.

UM PAÍS MAIS DESCONFIADO DESDE A PANDEMIA

- Comparando com os tempos pré-COVID, os portugueses são hoje mais pessimistas quanto à segurança — todas as áreas avaliadas registam saldos negativos na perceção de segurança, com destaque para a Europa em geral e para a Grande Lisboa. A confiança parece encolher à medida que o raio de ação aumenta: quanto mais longe da nossa rua, mais perigoso parece o mundo. A freguesia e o município — são os últimos redutos onde a segurança ainda resiste.

VIOLÊNCIA À ESPREITA? DEPENDE DE QUEM E ONDE

- Apesar da maioria se dizer segura, 1 em cada 3 portugueses tem receio de ser assaltado ou agredido — um aumento de 10 pontos percentuais face a 2023. E, entre esses, a maioria aponta o dedo ao "exterior": é fora da zona onde se reside ou trabalha/estuda que mora o medo (71%). E, claro, à noite, quando as sombras parecem ganhar contornos mais ameaçadores.
- As classes sociais mais baixas (C2/D) são as que mais sentem essa insegurança, o que é revelador: a perceção de risco não é apenas geográfica ou temporal — é também social. É o espelho de um país onde o código postal ainda determina, em parte, o quanto se pode relaxar ao regressar a casa depois das 22h.

CRIMES SEM CASTIGO, INSEGURANÇA COM HERANÇA

- 9% dos inquiridos dizem ter sido vítimas de crime nos últimos 12 meses, o valor mais alto desde 2012. Mas metade dessas vítimas não apresentou queixa — um dado inquietante, mas menos surpreendente quando percebemos que o principal motivo é a falta de confiança na justiça.
- Este défice de confiança é difícil de erradicar: mesmo entre aqueles que admitem queixas futuras, 5% já se antecipam a não o fazer, de novo por falta de crença na eficácia das instituições da justiça.

CIBERCRIME, INSULTOS E O MEDO DISCRETO DA PORTA FECHADA

- Na era digital, o cibercrime surge como a segunda maior ameaça à segurança (logo após a criminalidade violenta), mas com uma curiosidade: há menos preocupação com o tema do que em 2020. Poderá estar em causa um fenómeno de “habituação”?
- Ainda assim, 54% receia que o seu carro seja danificado ou furtado, 44% temem um assalto em casa e 12% têm medo até dentro da própria residência. É o medo mais íntimo, e talvez o mais silencioso — aquele que se vive em surdina, atrás da porta de segurança.

AS VÍTIMAS QUE TODOS RECONHECEM, MAS NINGUÉM PROTEGE

- O estudo fecha com uma quase unanimidade: 95% acreditam que há grupos mais vulneráveis à violência. Pessoas em situação de exclusão, minorias, idosos, mulheres — a consciência coletiva existe, mas falta saber como se coloca em prática.
- Por outro lado, os homens são o único grupo apontado como “pouco ou nada provável” de serem alvo de violência (65%), uma inversão interessante num país em que, por vezes, ainda custa a assumir que há desigualdades na forma como se vive — e como se sofre — a insegurança.

NOTAS DE RODAPÉ PARA UM PAÍS À BEIRA DO ALARME (OU DA APATIA)

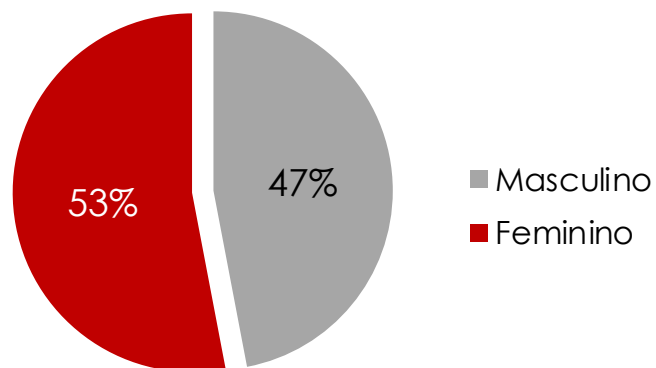
- Estes dados não nos contam apenas como nos sentimos. Dizem-nos também o que nos inquieta, o que evitamos admitir em voz alta, e como lidamos com a ideia de justiça — ou da sua ausência.
- Portugal é, no papel, um dos países mais seguros da Europa. Mas a perceção de insegurança é uma ferida mais social do que factual. E enquanto ela não cicatrizar, continuaremos a olhar por cima do ombro. Mesmo quando dizemos que está tudo bem.



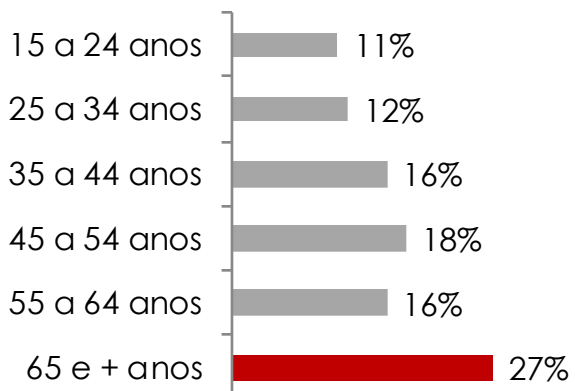
CARACTERIZAÇÃO

CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

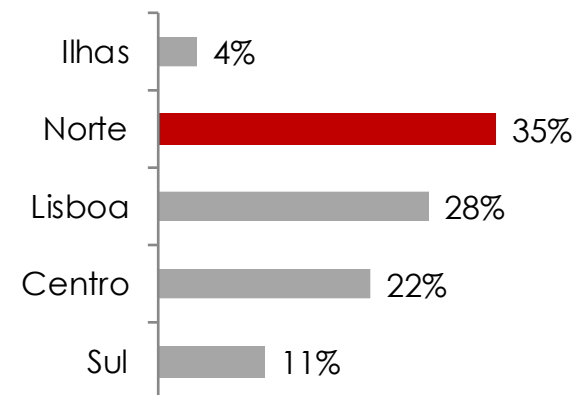
Género



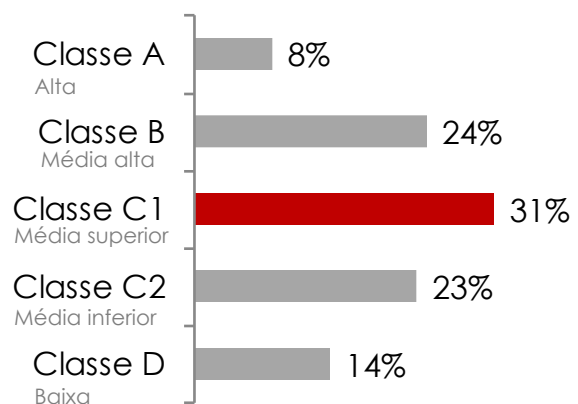
Idade



Região



Classe Social



Dimensão agregado

